



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE BIOLOGIA ROBERTO ALCÂNTARA GOMES
DEPARTAMENTO DE ENSINO DE CIÊNCIAS E BIOLOGIA

Orientação Sexual:

E aí professores, como estão sendo preparados?

Sandra Braz Martelotte

Rio de Janeiro

2006



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE BIOLOGIA ROBERTO ALCÂNTARA GOMES
DEPARTAMENTO DE ENSINO DE CIÊNCIAS E BIOLOGIA

Orientação Sexual:

E aí professores, como estão sendo preparados?

Sandra Braz Martelotte

Trabalho Final apresentado ao Departamento de Ensino de Ciências e Biologia, do Instituto de Biologia Roberto Alcântara Gomes, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do grau de Especialista no Ensino de Ciências.

Rio de Janeiro

2006

FICHA CATALOGRÁFICA

Martelotte, Sandra Braz

Orientação Sexual: E aí professores, como estão sendo preparados? /
Sandra Braz Martelotte - 2006.

ix, 44 p.

Orientador: Vera Maria de Sá A. Filgueiras.

Monografia (Especialização) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro,
Instituto de Biologia Roberto Alcântara Gomes.

1.Orientação Sexual. 2.Educação Sexual. 3.Sexualidade. 4. Currículo. I.
Filgueiras, Vera Maria de Sá A.. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro,
Instituto de Biologia Roberto Alcântara Gomes. III. Título



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE BIOLOGIA ROBERTO ALCÂNTARA GOMES
DEPARTAMENTO DE ENSINO DE CIÊNCIAS E BIOLOGIA

Orientação Sexual:

E aí professores, como estão sendo preparados?

Sandra Braz Martelotte

Orientadora: Prof^a Vera Maria de Sá A. Filgueiras

Aprovada em _____ de _____ de 2006.

Prof: _____

Prof: _____

Rio de Janeiro

2006

“Quando nascemos temos boca, cordas vocais, ouvidos, vias neurológicas, mas não sabemos falar. Da mesma forma, nascemos com uma genitália masculina ou feminina, mas ‘não sabemos SER homem ou mulher’. Isso precisa ser aprendido a partir de nós mesmos, com nossos pais, com a família e com a sociedade.”

Ronaldo Pamplona da Costa

Dedico este trabalho a minha primeira turma de estudantes adolescentes, com os quais aprendi a falar de sexualidade e percebi a importância de desenvolver este trabalho.

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus, pela oportunidade de realizar este trabalho e por não ter me deixado faltar forças nos momentos mais difíceis, quando pensei não ser possível chegar ao fim.

Agradeço a minha família pela base ética que tenho hoje, pela educação que precede qualquer formação acadêmica, pelas palavras de incentivo e, principalmente, pela paciência nos momentos em que o humor não era dos melhores e que parecia tudo dar errado.

Agradeço a todos os coordenadores e secretários de universidades públicas e privadas, faculdades e centros universitários pesquisados, pela atenção e disponibilidade em colaborar com o levantamento curricular feito para este trabalho.

Agradeço a todos aqueles que contribuíram para a conclusão deste trabalho com material, conteúdo, palavras, gestos e ações, e principalmente à minha orientadora, Vera Maria de Sá A. Filgueiras, pela compreensão, apoio, incentivo, generosidade e profissionalismo.

Obrigada!

LISTA DE QUADROS

	Página
Quadro 01 Lista das Instituições pesquisadas e respectivos municípios em que se localizam, sigla e status de pública ou privada.	33
Quadro 02 Lista de sites oficiais na internet das instituições pesquisadas.	34

SUMÁRIO

	Página
LISTA DE QUADROS	vii
RESUMO	ix
1 - INTRODUÇÃO	1
2 - A FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE CIÊNCIAS E BIOLOGIA	6
3 - HISTÓRICO DA ORIENTAÇÃO SEXUAL NO BRASIL	13
4 - A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA	17
5 – A IMPORTÂNCIA DA SEXUALIDADE NO DESENVOLVIMENTO INTEGRAL DO ESTUDANTE	24
6 - ORIENTAÇÃO SEXUAL COMO TEMA TRANSVERSAL	28
7 -ANÁLISE DE CURRÍCULOS DOS CURSOS DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS	33
7.1- Material e Métodos	33
7.2- Resultados	35
8 - CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	41
ANEXOS	
Anexo 01 - Ementa da disciplina Sexualidade Humana	
da Universidade do Estado do Rio de Janeiro	

RESUMO

Este trabalho busca verificar a existência de uma preparação específica para a Orientação Sexual, nos cursos de graduação em Ciências Biológicas modalidade licenciatura, que capacite estes futuros professores a trabalhar Orientação Sexual com seus estudantes.

Para avaliar a importância da Orientação Sexual nas escolas, e conseqüentemente a necessidade de profissionais capacitados, foram analisadas as diretrizes norteadoras estabelecidas na LDB (Lei nº. 9.394/96) que regulam a aprovação dos cursos dessa natureza no Brasil.

Através de um histórico da Orientação Sexual no país foi possível verificar que esta necessidade não é recente, e vem sendo conquistada ano após ano, década após década, para que hoje possamos dizer que já se aceita a Orientação Sexual nas escolas como importante meio de construir a identidade e a sexualidade das gerações futuras, de forma saudável, visando o bem-estar e o prazer, relacionada à ética e à saúde, como ressaltam os PCN, promovendo, assim, o desenvolvimento integral do estudante.

Os resultados apontam que das 21 instituições de ensino superior do Estado do Rio de Janeiro que apresentam curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, apenas uma, a Universidade do Estado do Rio de Janeiro possui uma disciplina voltada à formação de professores preparados para trabalhar a Orientação Sexual com seus estudantes, o que faz acreditar na necessidade de medidas imediatas referentes à capacitação ou formação adequada desses docentes, para que contribuam com a formação de futuras gerações solidárias, tolerantes com as diferenças, bem resolvidas sexualmente e formadoras de uma sociedade igualitária.

1 - INTRODUÇÃO

A humanidade, desde as primeiras civilizações, sempre sofreu a influência do sexo e da sexualidade ao longo de todo o curso do desenvolvimento humano. Com o passar das décadas, foi-se tornando, segundo Tannahill (1980, p.461), “*cada vez mais difícil saber o que é certo ou errado hoje em dia*” quando se trata de valores tão abstratos. As trocas de papéis sociais de gênero dentro da sociedade moderna se encarregaram de agravar ainda mais a tomada de decisões, por vezes impensadas e inconseqüentes, quando o assunto em questão é o sexo ou a sexualidade, abordados pelos adolescentes.

A informação clara e precisa é uma aliada na tarefa de esclarecer às novas gerações, conceitos e papéis tão mitificados pela história, que lhes são apresentados diariamente. “*As pesquisas mais recentes nos preocupam. Essas nos contam que a vida sexual tem começado mais cedo. [...] Portanto, a cada passo, notamos o quanto a prevenção – possibilidade de conversar – é imprescindível*” (ARAÚJO, 2003, p.14). Essa possibilidade de conversar é traduzida, clara e objetivamente, em uma maneira de orientar aqueles que são os mais vulneráveis às distorções de valores que ocorrem atualmente, as crianças, os adolescentes e os jovens, através dos trabalhos de Orientação Sexual, que, segundo o Guia de Orientação Sexual,

“se propõe a fornecer informações sobre sexualidade e a organizar um espaço de reflexões e questionamentos sobre posturas, tabus, crenças e valores a respeito de relacionamentos e comportamentos sexuais. A Orientação Sexual abrange o desenvolvimento sexual compreendido como: saúde reprodutiva, relações interpessoais, afetividade, imagem corporal, auto-estima e relações de gênero. Enfoca as dimensões fisiológicas, sociológicas, psicológicas e espirituais da sexualidade através do desenvolvimento das áreas cognitiva, afetiva e comportamental, incluindo as habilidades para a comunicação eficaz e a tomada responsável de decisões.”
(GTPOS,1994, p.8)

Por ser a Orientação Sexual um processo de intervenção sistemático e contínuo, pode e deve *“ser realizado na escola com o envolvimento de toda a comunidade escolar, assegurando ao aluno espaços necessários para receber uma informação clara e precisa, através de conceitos que o levem à construção do pensamento”* (SILVA, 2002, p.25). Para isso, é necessária uma adequada capacitação dos profissionais envolvidos com a educação para que, sabedores da sua importância enquanto formadores de cidadãos conscientes, realizem dentro de suas disciplinas um trabalho que envolva a Orientação Sexual de forma realista, mostrando ao estudante como a sexualidade pode ser analisada de diferentes formas e por vários pontos de vista, enfocando questões do dia-a-dia de cada um, dentro da sua disciplina. É muito importante saber que *“o orientador sexual é sobretudo um educador que observa e reflete para o grupo as diversas opiniões, para que cada indivíduo se torne capaz de ser sujeito de seu desenvolvimento emocional e sexual”* (SUPLICY et al, 1998, p.17). Sendo assim, qual deve ser o perfil de um orientador sexual?

Segundo os componentes do GTPOS – Grupo de Trabalho e Pesquisa em Orientação Sexual,

“as experiências existentes mostram que não há uma exigência profissional específica para alguém exercer a função de orientador sexual; no entanto, a escolha mais adequada tem sido o próprio professor, ou professora. Percebe-se que os laços que já existem entre docentes e estudantes fornecem uma base para um trabalho de Orientação Sexual na escola.”
(SUPLICY et al, 1998, p.15)

Além disso, é fundamental que o profissional *“esteja interessado na temática que vai abordar e no processo educativo como um todo, mas, principalmente, que seja uma pessoa que se sinta bem para falar de sexualidade”* (BARROSO e BRUSCHINI, 1990, p.12).

Fica claro que muitos profissionais podem desenvolver o trabalho de Orientação Sexual, mas qual seria o mais indicado: o professor de Ciências? O GTPOS afirma que

“não necessariamente. Tratando-se de sexualidade, o conhecimento do corpo humano é importante, mas não garante que o professor de ciências, só porque leciona essa matéria, tenha atitude e postura para ser um bom orientador sexual” (SUPLICY et al, 1998, p.15-16). Mesmo assim, essa é a saída mais comum encontrada pelas escolas, até porque, é incorporada a orientação sexual ao conteúdo de aparelho reprodutor e reprodução na 7ª série do ensino fundamental. Nesse momento, surgem as dúvidas por parte dos estudantes, e, inconscientemente atribui-se ao professor a função de saná-las. Mas deve-se pensar o que fazer quando o professor de ciências, mesmo tendo todo o conhecimento sobre os órgãos genitais, os aparelhos reprodutores e a reprodução em si, não tem o devido conhecimento sobre a sexualidade humana para esclarecer as angústias e curiosidades de seus estudantes.

É com o objetivo de esclarecer esta dúvida que o presente estudo visa elucidar o seguinte problema de pesquisa: **“Professores de Ciências e Biologia são preparados na licenciatura para orientar seus estudantes sobre sexualidade?”**

Através de levantamentos feitos junto às universidades públicas e privadas, faculdades e centros universitários do Estado do Rio de Janeiro, foi possível analisar os currículos dos cursos de licenciatura em ciências biológicas, indicando a existência ou não de uma disciplina que apresente o objetivo de preparar o professor para o trabalho sobre sexualidade com seus estudantes, além de verificar a obrigatoriedade ou o caráter opcional da referida disciplina e analisar as ementas das mesmas para avaliar se contemplam os assuntos de maior necessidade ao conhecimento dos estudantes.

Iniciamos com um capítulo acerca da formação do professor de ciências e biologia no cenário educacional brasileiro atual, através da análise de critérios, requisitos e padrões que regulam a aprovação dos cursos dessa modalidade no Brasil, e que esclarecem o perfil do profissional dessa área, as competências e habilidades que devem ser desenvolvidas

pelo mesmo, a estrutura do curso de graduação em questão e os conteúdos curriculares básicos e específicos.

Em seguida, o capítulo 3 nos remete a um histórico da Orientação Sexual na educação brasileira, enfocando as características herdadas da colonização portuguesa, a repressão no período colonial e início do republicano, as lutas travadas ao longo das décadas com o objetivo de incluir a Orientação Sexual no currículo escolar, destacando os empecilhos encontrados e os constrangimentos causados no decorrer dos anos de tentativas, a mudança de atitude com o surgimento da AIDS¹ e por fim a situação atual, quando incluída na legislação ainda é ignorada pela grande maioria, que permanece aprisionada em velhos tabus.

Compondo as diretrizes legais, no capítulo 4, discutimos sobre a importância da Orientação Sexual na escola, segundo o estabelecido pelos Parâmetros Curriculares Nacionais a partir da análise dos principais assuntos abordados, das necessidades da juventude atual, e dos fatores que fazem com que este seja um ambiente favorável para trabalho, como a responsabilidade na formação do conhecimento do jovem, a possibilidade de oferta de informações, o auxílio na superação de medos e preconceitos, no bem-estar sexual, na formação da identidade, na construção de valores e na abertura de canais de comunicação.

O capítulo 5 trata da importância da sexualidade no desenvolvimento integral do estudante, sendo um aspecto fundamental na formação da identidade e da personalidade do indivíduo, visto que enfatiza o pensamento crítico, a tomada de decisões, a construção de valores morais e éticos entre outros fatores que servem de alicerce para a formação de uma individualidade.

A Orientação Sexual como um Tema Transversal dos Parâmetros Curriculares Nacionais surge no capítulo 6, afirmando sua importância enquanto questão urgente na

nossa sociedade e como indicação para ser trabalhada em todas as disciplinas, sendo adequada a cada uma pelo próprio professor da área. Destaca as necessidades dos jovens e adolescentes quando o assunto em questão é a sexualidade, a maneira de ser aplicada e as orientações aos profissionais responsáveis, ressaltando uma divisão de temas para que ao final do trabalho os estudantes sejam capazes de compreender e reconhecer valores pré-determinados.

Os resultados obtidos com a análise dos currículos dos cursos de licenciatura em ciências biológicas são apresentados no capítulo 7, enfatizando a existência ou não de disciplina destinada à preparação de professores para a Orientação Sexual e a especificação de seu caráter obrigatório ou opcional, através de levantamento junto às instituições pesquisadas.

Por fim, o capítulo 8 traz as considerações finais, buscando demonstrar como se dá a preparação de professores de ciências e biologia para a Orientação Sexual no cenário educacional atual e o que se pode fazer para contribuir para uma melhor formação das futuras gerações.

2 - A FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE CIÊNCIAS E BIOLOGIA

Para avaliar a formação do professor de ciências e biologia no cenário educacional brasileiro atual, foi feita uma análise das “Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de Ciências Biológicas” (resoluções CNE/CES ² 1.301/2001 e CNE/CES 7/2002), da “Descrição da Área e Padrões de Qualidade dos Cursos de Graduação em Ciências Biológicas” de 1997, e da “Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional” (BRASIL, 9.394/96).

Com base nesses documentos foi possível identificar critérios, requisitos e padrões que regulam a aprovação dos cursos dessa modalidade no Brasil, dispensando a padronização do curso num currículo mínimo, e adotando diretrizes norteadoras, segundo o estabelecido pela LDB (BRASIL, 9.394/96).

A Secretaria de Ensino Superior do Ministério da Educação e Desporto registra que a área de estudo em Ciências Biológicas foi regulamentada pelo Conselho Federal de

Educação em 1962, sob o Parecer nº. 325/62, fixando o currículo mínimo e a duração dos cursos de História Natural. Dessa forma eram atendidas as demandas de pesquisa e ensino no 3º grau, de ensino de Biologia no 2º grau e de Ciências Físicas e Biológicas no 1º grau. Dois anos mais tarde o CFE estipulou um currículo mínimo para o Curso de Ciências Biológicas, modalidade Licenciatura, modificando o antigo curso de História Natural ao dividir as áreas biológica e geológica, mantendo o ensino de Biologia no 2º grau e de Ciências no 1º grau, além de pesquisas de base. Nesse mesmo ano foi criado o curso de “licenciatura de 1º ciclo”, ou “licenciatura curta” (Parecer nº. 81/65), caracterizada por ser generalista e formar profissionais para atender ao 1º grau. Esta nova modalidade não obteve sucesso, talvez por

2. CNE/CES é a sigla correspondente à Câmara de Educação superior, subordinada ao Conselho Nacional de Educação.

não apresentar um aprofundamento em nenhuma das duas áreas, matemática e biológica, resultando num sentimento de “conhecimento superficial”.

Em 1979 foi regulamentada a profissão de biólogo, pela Lei nº. 6684/79, determinando as áreas de atuação.

Atualmente, a mesma Secretaria, através do MEC/SESU ³ (1994), constata que o profissional da área de Ciências Biológicas vem sendo formado por cerca de 369 cursos de graduação, em diversas Faculdades isoladas e Universidades, localizadas em todas as regiões geo-políticas do país. A maioria deles (65%) formada por cursos de Licenciatura em Ciências – Habilitação Biologia, apenas 34,7% correspondem a cursos de Ciências Biológicas e o de Licenciatura em Ciências para o 1º grau (Licenciatura Curta), em franco declínio (0,3%).

Além de ser um profissional com formação sólida dos princípios e teorias da biologia, a Secretaria de Ensino Superior afirma que:

“o professor de biologia e ciências deve se caracterizar por compreender e ser capaz de intervir no processo de aprendizagem de seus alunos, articulando o discurso epistemológico sobre a ciência; ser consciente de seu papel na formação de cidadãos críticos e ser capaz de analisar a realidade, contextualizando nela sua atividade educativa.” (SESU, 1997, P.9)

As Diretrizes Curriculares Nacionais para os Cursos de Ciências Biológicas (CNE/CES 1.301/2001) estipulam que o profissional formado deve apresentar um perfil generalista, crítico, ético, solidário, que seja detentor de adequada fundamentação teórica que embase uma ação competente, incluindo conhecimento profundo da diversidade dos seres vivos, bem como sua organização e funcionamento em diferentes níveis, suas relações filogenéticas e evolutivas, e suas respectivas distribuições e relações com o meio em que vivem; que seja consciente da necessidade de atuar com qualidade e responsabilidade em prol da conservação e manejo da biodiversidade, das políticas de saúde, do meio ambiente, da biotecnologia, da

3. MEC/SESU é a sigla correspondente à Secretaria de Ensino Superior, subordinada ao Ministério da Educação e Cultura.

biossegurança, que se preocupe com a gestão ambiental, tanto nos aspectos técnico-científicos, quanto na formulação de políticas; que se torne agente transformador da realidade presente, na busca de melhoria da qualidade de vida; que seja comprometido com os resultados de sua atuação e que pautar sua conduta profissional por critérios humanísticos; que tenha compromisso com a cidadania e com o rigor científico, bem como por referenciais éticos legais; que saiba de sua responsabilidade como educador, nos vários contextos de atuação profissional e que esteja apto a atuar multi e interdisciplinarmente, sendo adaptável à dinâmica do mercado de trabalho e às situações de mudança contínua do mesmo, que esteja preparado para desenvolver idéias inovadoras e ações estratégicas, capazes de ampliar e aperfeiçoar sua área de atuação.

Segundo as mesmas diretrizes, as competências e habilidades desse profissional devem basear-se nos princípios da ética democrática, na responsabilidade social e ambiental, na dignidade humana, no direito à vida, na justiça, no respeito mútuo, na participação, na responsabilidade, no diálogo e na solidariedade, reconhecendo formas de discriminação racial, social, de gênero, ou qualquer outra, que estejam relacionadas a pressupostos biológicos, posicionando-se diante delas de forma crítica, com respaldo em pressupostos epistemológicos coerentes e na bibliografia de referência. O profissional deve apresentar também competências e habilidades voltadas para a atuação em pesquisa básica e aplicada nas diferentes áreas das Ciências Biológicas, comprometendo-se com a divulgação dos resultados das pesquisas em veículos adequados para ampliar a difusão e o conhecimento e com a consciência de seu papel como educador na formação de cidadãos, inclusive na perspectiva sócio-ambiental, utilizando sempre seu conhecimento sobre organização, gestão e financiamento da pesquisa e sobre a legislação e políticas públicas relacionadas ao conteúdo, fazendo com que seja compreendido o processo histórico de produção do conhecimento das ciências biológicas referente a conceitos/princípios/teorias, estabelecendo relações entre ciência, tecnologia e sociedade, aplicando a metodologia científica para o planejamento, gerenciamento e execução de processos e técnicas visando o desenvolvimento de projetos, perícias, consultorias, emissão de laudos e pareceres em diferentes contextos, sendo capaz de utilizar os conhecimentos das ciências biológicas para compreender e transformar o contexto sócio-político e as relações nas quais está inserida a prática profissional e desenvolver ações estratégicas capazes de ampliar e aperfeiçoar as formas de atuação profissional, preparando-se para a inserção no mercado de trabalho em contínua transformação. A área ainda exige competências e habilidades capazes de orientar escolhas e decisões em valores e pressupostos metodológicos alinhados com a democracia, com o respeito à diversidade étnica e cultural, às culturas autóctones e à

biodiversidade, permitindo uma atuação multi e interdisciplinar, que interaja com diferentes especialidades e diversos profissionais, de modo a estar preparado a contínua mudança do mundo produtivo, avaliando o impacto potencial ou real de novos conhecimentos/tecnologias/serviços e produtos resultantes da atividade profissional, considerando os aspectos éticos, sociais e epistemológicos, e comprometendo-se com o desenvolvimento profissional constante, assumindo uma postura de flexibilidade e disponibilidade para mudanças contínuas, esclarecido quanto às opções sindicais e corporativas inerentes ao exercício profissional.

O mesmo documento regulamenta ainda a “Estrutura do Curso”, seguindo princípios que contemplem as exigências do perfil do profissional em Ciências Biológicas, levando em consideração a identificação de problemas e necessidades atuais e perspectivas da sociedade, assim como da legislação vigente, que garantam uma sólida formação básica inter e multidisciplinar, que privilegiem atividades obrigatórias de campo, laboratório e adequada instrumentação técnica, que favoreçam a flexibilidade curricular de forma a contemplar interesses e necessidades específicas dos alunos, que explicitem o tratamento metodológico no sentido de garantir o equilíbrio entre a aquisição de conhecimentos, habilidades, atitudes e valores, que garantam um ensino problematizado e contextualizado, assegurando a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, que proporcionem a formação de competência na produção do conhecimento com atividades que levem o aluno a: procurar, interpretar, analisar e selecionar informações; identificar problemas relevantes, realizar experimentos e projetos de pesquisa, que levem em conta a evolução epistemológica dos modelos explicativos dos processos biológicos, que estimulem atividades que socializem o conhecimento produzido tanto pelo corpo docente como pelo discente e outras atividades curriculares e extracurriculares de formação, como, por exemplo, iniciação científica, monografia, monitoria, atividades extensionistas, estágios,

disciplinas optativas, programas especiais, atividades associativas e de representação e outras julgadas pertinentes, que considerem a implantação do currículo como experimental, devendo ser permanentemente avaliado, a fim de que possam ser feitas, no devido tempo, as correções que se mostrarem necessárias.

Os conteúdos curriculares são regulamentados pelas mesmas diretrizes, sofrendo a seguinte divisão: Conteúdos Básicos e Conteúdos Específicos.

Os Conteúdos Básicos deverão englobar conhecimentos biológicos e das áreas das ciências exatas, da terra e humanas, tendo a evolução como eixo integrador. São eles:

- **BIOLOGIA CELULAR, MOLECULAR E EVOLUÇÃO:** Que devem apresentar uma visão ampla da organização e interações biológicas, construída a partir do estudo das estruturas molecular e celular, conhecendo a função e mecanismos fisiológicos da regulação em modelos eucariontes, procariontes e de partículas virais, fundamentados pela informação bioquímica, biofísica, genética e imunológica. Devem ter a compreensão dos mecanismos de transmissão da informação genética, em nível molecular, celular e evolutivo;
- **DIVERSIDADE BIOLÓGICA:** Que visa o conhecimento da classificação, filogenia, organização, biogeografia, etologia, fisiologia e estratégias adaptativas morfo-funcionais dos seres vivos;
- **ECOLOGIA:** Enfatiza as relações entre os seres vivos e destes com o ambiente ao longo do tempo geológico, dando destaque ao conhecimento da dinâmica das populações, comunidades e ecossistemas, da conservação e manejo da fauna e flora e da relação saúde, educação e ambiente;
- **FUNDAMENTOS DAS CIÊNCIAS EXATAS E DA TERRA:** Que devem incluir conhecimentos matemáticos, físicos, químicos, estatísticos, geológicos e outros fundamentais para o entendimento dos processos e padrões biológicos;

- FUNDAMENTOS FILOSÓFICOS E SOCIAIS: Fazem referência a reflexão e discussão dos aspectos éticos e legais relacionados ao exercício profissional, e inclui conhecimentos básicos de: História, Filosofia e Metodologia da Ciência, Sociologia e Antropologia, para dar suporte à sua atuação profissional na sociedade, com a consciência de seu papel na formação de cidadãos.

Os Conteúdos Específicos devem atender às modalidades Licenciatura e Bacharelado, separadamente, cabendo à primeira contemplar, além dos conteúdos próprios das Ciências Biológicas, conteúdos nas áreas de Química, Física e da Saúde, para atender aos ensinos fundamental e médio. A formação pedagógica, além de suas especificidades, deverá contemplar uma visão geral da educação e dos processos formativos dos educandos, bem como enfatizar a instrumentação para o ensino de Ciências no nível fundamental e para o ensino da Biologia, no nível médio.

Fica claro que as Diretrizes Curriculares Nacionais para os Cursos de Ciências Biológicas apresentam enorme preocupação em regulamentar a formação de um profissional com perfil que contemple plenamente sua consciência com as responsabilidades enquanto formador de identidades e preocupação com as questões ligadas à ética, ao meio ambiente, à pesquisa e à saúde, apresentando competências e habilidades específicas para tal, porém não é possível encontrar nenhuma orientação explícita ou tópico específico na estrutura do curso e nos conteúdos curriculares que faça referência à capacitação do profissional para o trabalho com Orientação Sexual.

Dessa maneira, faz-se ser necessária alguma alteração ou complementação que torne mais aparente ou visível a orientação, para que este conteúdo seja incluído no currículo e para que sejam desenvolvidas competências e habilidades específicas para tal, de modo que o profissional seja crítico, ético e responsável também pelos assuntos relativos à sexualidade, da mesma forma que o é quando os conteúdos em questão são o

meio ambiente ou a biossegurança, de extrema importância e relevância, porém nem mais, nem menos do que a sexualidade.

3 – HISTÓRICO DA ORIENTAÇÃO SEXUAL NO BRASIL

No início de nossa história, sofremos a influência de uma colonização portuguesa, que era uma ardente defensora da família patriarcal, onde o poder absoluto permanecia com o homem, enquanto à mulher, na qualidade de esposa e serva, competiam as atribuições do lar, como a administração da casa e o cuidado com os filhos e as obrigações com o casamento, como servir ao seu marido. Nesse cenário, a sexualidade do casal era destinada, única e exclusivamente, à reprodução. O prazer e o desejo eram impróprios para o ambiente familiar e para a instituição “Casamento”, sendo merecedores dos mais profundos e inabaláveis atos de penitência.

O quadro de repressão e o caráter impróprio da sexualidade se mantêm vivos por todo o período imperial, chegando à República sem nenhum tipo de alteração ou evolução. Apenas no início do século XX, estudiosos de uma corrente médica indicavam a Educação Sexual como meio para o combate à masturbação, nessa época considerada distúrbio do organismo, às DST (doenças sexualmente transmissíveis) e preparatória para a mulher num papel de esposa e mãe, o que ainda nos remete ao período colonial.

Aqui, como na Europa, a masturbação era condenada e perseguida pelos fundadores do movimento higienista, médicos e pedagogos, que apontavam a prática como um perigo para a saúde física, moral e intelectual do jovem, sendo considerada “crime higiênico”, cuja punição era o “tratamento”. Por ser tida como uma doença, a masturbação devia ser combatida pela sociedade, pois deformava o sujeito de tal maneira, que se tornava impossível esconder o “delito”, uma vez que para tal foram “criados” sintomas como calafrios, magreza e sistema nervoso abalado. Dessa forma, a organização interna dos colégios deveria impedir o grande “mal” individual e, conseqüentemente social.

Chegando à década de 60, algumas escolas aqui do Brasil tentaram implantar projetos de orientação sexual em seus currículos, sem obter significativo êxito, principalmente devido ao fato de existirem ainda ideologias moralistas e retrógradas que,

entre outras palavras, vetaram esta prática pedagógica por considerá-la inútil e perigosa para a família brasileira, sob forte influência a partir de então, do regime militar precedido pelo golpe em 64.

No ano de 1968 a deputada federal Júlia Steinbruck, do antigo MDB-RJ, apresentou um projeto de lei à Câmara dos Deputados, propondo a implantação de programas de Orientação Sexual em todas as escolas do país, tendo sido rejeitado sob o parecer de que *“teria um efeito desastroso o os escândalos começariam bem cedo a contaminar as escolas, com incrível prejuízo à saúde, higiene e moral das novas gerações”*, segundo a Comissão de Moral e Civismo do Ministério da Educação e Cultura da época.

Uma vez rejeitado o projeto de lei da deputada, a sociedade brasileira em si apresenta as suas primeiras preocupações reais com relação à inclusão da Orientação Sexual nos currículos escolares a partir de 1970, por ser considerada fundamental na formação e construção do indivíduo, embora existam registros de algumas escolas no eixo Rio-São Paulo-Belo Horizonte, que tenham iniciado esta luta anteriormente.

Segundo Tannahill,

“desde o início da história registrada, a sociedade sempre sentiu a necessidade de exercer um grau de controle sobre a conduta sexual em geral. Entretanto, se a revolução sexual dos anos 70 teve o efeito fundamental de retirar do domínio público os aspectos mais íntimos do sexo e devolvê-los ao privado, então mesmo uma década (ou ainda mais) de crises psicológicas, talvez tenham valido a pena.” (TANNAHILL, 1980, p. 463)

E realmente valeram. Apesar de todas essas dificuldades, continuaram as empreitadas a favor da implantação de projetos com essa finalidade, até que, na década de 80, a abertura política trouxe implicações no campo da sexualidade, que com a liberação sexual e com as mudanças nas normas culturais, acabaram por sugerir diferentes leituras de vivência da sexualidade, apontando para uma contradição entre a atual conduta sexual

liberal e, a até então, conservadora. Concomitantemente e coincidentemente (ou não) com a explosão e consolidação da TV como meio de comunicação em massa no Brasil, ocorreu também um crescente número de casos de gravidez indesejada⁴ em adolescentes e o ápice das contaminações pela AIDS, o que fez com que a sociedade voltasse sua atenção aos adolescentes e jovens, culminando em uma intensificação nos trabalhos referentes à sexualidade nas escolas. De acordo com os fatos ocorridos naquela época, os familiares alteraram sua conduta, enfatizando a necessidade de uma orientação para este assunto nas escolas.

“A princípio, acreditava-se que as famílias apresentavam resistência à abordagem dessas questões no âmbito escolar, mas atualmente sabe-se que os pais reivindicam a orientação sexual nas escolas, pois reconhecem não só a sua importância para as crianças e jovens, como também a dificuldade de falar abertamente sobre esse assunto em casa.” (PCN,1997, p. 77)

A partir da década de 80 então, diante da necessidade de trabalhar esse tema e das dificuldades de se obter informações precisas e corretas para tal, o “orientador” passou a necessitar de uma maior especialização no assunto, contando pois finalmente, com o auxílio do governo que passou a considerar a possibilidade de incluir a Orientação Sexual no currículo escolar.

Em seu livro “Etiologia Sexual das Neuroses” Freud mencionou a necessidade de mudanças dizendo que:

“Seria necessário mudar muitas coisas... Mas é preciso, sobretudo, dar lugar à discussão dos problemas da vida sexual junto à opinião pública. Terá de ser possível falar dessas coisas sem sermos considerados um fator de problemas ou alguém que explora os instintos mais baixos. E aqui também há muito o que fazer para que no decorrer dos próximos cem anos nossa civilização aprenda a se compor com as exigências de nossa sexualidade” (BETTS, 1994, p.48)

A chegada ao ano 2000 faz com que seja reconhecida a importância da

4. A expressão “gravidez indesejada” é comumente utilizada quando se refere à gravidez inoportuna na adolescência, resultante da falta de conhecimento de métodos contraceptivos e/ou da irresponsabilidade e inseqüência dos adolescentes.

Sexual em termos de estímulo às relações humanas, uma vez que esclarece valores como respeito, solidariedade, tolerância com as diferenças, afetividade e responsabilidade, voltados para a sexualidade própria e do outro. Porém ainda são muitas as ressalvas feitas, principalmente quando se leva em conta velhos tabus ainda tão enraizados na nossa sociedade, preconceitos quanto a este conteúdo e idéias equivocadas de que o trabalho de Orientação Sexual estimula o jovem a praticar o ato sexual.

4 - A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA

Por ser um ambiente de construção do indivíduo, à escola são atribuídas inúmeras funções, desde a transmissão de conhecimentos científicos, culturais e relacionais, até as noções de sexualidade, por vezes, negligenciadas pelos pais até mesmo por falta de clareza de informações ou pelo fato de terem sofrido, em sua época, tamanha repressão quando se referiam a este assunto, considerado até hoje um tabu, aquilo que não deve ser pensado, dito, quanto mais debatido, sobretudo na escola. *“Freud coloca os pais como pessoas incompetentes para a tarefa da educação sexual preferindo que estes não se ocupem desta tarefa. Para ele, os pais esqueceram-se da sexualidade infantil e, se esqueceram, é porque houve repressão”* (KUPFER, 1997, p.47). Assim acredita-se que os pais possam realmente não estar preparados de forma adequada para orientar sexualmente seus filhos.

Nesse sentido, encontramos na apostila impressa pelo Ministério da Educação e do Desporto intitulada Fala Educadora! Fala Educador!, o esclarecimento de que:

“a escola não substitui nem concorre com a família. Ela contribui com a discussão sobre sexualidade incluindo vários pontos de vista sem a imposição de determinados valores sobre outros; preenchendo lacunas de informação. A função da escola é promover debates entre os jovens, fornecendo informações claras e objetivas.”(BRASIL, 1998, p. 19)

É necessário que se pense a sexualidade com uma visão holística da realidade humana. Mais do que o ensino de conteúdos relacionados à anatomia ou à fisiologia sexual, deve-se considerar os fatores culturais vivenciados ao longo da vida para a construção dos conceitos sexuais e vivência da sexualidade. *“A sexualidade infantil*

estabelece as bases para a sexualidade na adolescência e para a sexualidade na vida adulta” (FAGUNDES, 1995, p.67).

É a sociedade como um todo – família, escola, amigos, meios de comunicação, etc. – que determina os padrões sexuais de cada época, logo, ao se falar em orientação sexual, deve-se relacioná-la à repressão sexual identificada ao longo da história da sexualidade humana e com repercussões até hoje no comportamento sexual das pessoas. O Brasil, por ter tido uma colonização influenciada por católicos conservadores europeus, reproduziu essas restrições no comportamento sexual, acabando por gerar preconceitos e tabus que interferem na transmissão de informações relativas à Orientação Sexual ainda hoje, até mesmo no ambiente escolar.

Segundo Suplicy et al, 1998,

“a Orientação Sexual é um processo formal e sistematizado que se propõe a preencher as lacunas de informação, erradicar tabus e preconceitos e abrir a discussão sobre as emoções e valores que impedem o uso dos conhecimentos. [...] cabe também propiciar uma visão mais ampla, profunda e diversificada acerca da sexualidade [...] em ambientes tais como centros de saúde, comunidades de base, de bairro, clubes, igrejas, meios de comunicação.”(SUPLICY, et al, 1998, p.8)

Obviamente, entende-se como um dos locais privilegiados para o desenvolvimento desse tipo de trabalho, a escola, por ser a Orientação Sexual uma *“intervenção pedagógica que favorece a reflexão mediante a problematização de temas polêmicos e permite a ampla liberdade de expressão, num ambiente acolhedor e num clima de respeito” (SUPLICY et al, 1998, p.8).*

O fato de existirem vínculos entre alunos e professores pode facilitar a troca de informações, bem como de conceitos relacionados a aspectos culturais da sexualidade em cada época, o que esclarece comportamentos, tendências, mitos e tabus passados de geração para geração e até mesmo movimentos populares ocorridos ao longo da história em cada sociedade.

De acordo com Suplicy et al, 1998,

“mediante um trabalho de Orientação Sexual sistemático, é possível ajudar a juventude a se sentir sexualmente madura para fazer escolhas motivadas por amor e carinho pela outra pessoa, livres de vergonha ou culpa e minimizando os riscos de uma gravidez indesejada ou de doenças” (SUPLICY et al, 1998, p. 9)

Ela afirma ainda que existem sete fatores que tornam a escola o ambiente recomendável para a prática de Orientação Sexual, e concomitantemente tornam a Orientação Sexual uma importante prática na escola. São eles:

- A escola não pode fugir à sua responsabilidade: Se não discutir e questionar sobre a questão sexual, a escola estará passando para os alunos a idéia de que se trata de assunto proibido ou indevido, sobre o qual não se deve falar, ou mesmo que não é ambiente para que se aprenda sobre ela, devendo-se para isto procurar conhecimento com colegas, em filmes ou revistas pornográficos ou até mesmo em zonas de prostituição. *“Fugindo à sua responsabilidade, a escola se conforma com que o aluno se mantenha desinformado e enredado em tabus e preconceitos”*(SUPLICY et al, 1998, p.11).

Acredita-se ser, segundo Suplicy et al, 1998, uma função da escola,

“contribuir para uma visão positiva da sexualidade, como fonte de prazer e realização do ser humano, assim como aumentar a consciência das responsabilidades. Ao promover intenso debate entre os jovens e fornecer informações corretas, a Orientação Sexual na escola dá oportunidade ao adolescente de repensar seus valores pessoais e sociais, bem como partilhar suas preocupações e emoções” (SUPLICY et al, 1998, p.11).

Torna-se ainda mais evidente a responsabilidade da escola pelo fato do estudante passar grande parte do seu dia, durante tantos anos de sua vida dentro de uma, sendo esses anos tão importantes, por se tratar de uma etapa de formação da personalidade e da identidade do jovem.

- **Há falta de informação:** Acredita-se que a escola seja um importante centro de informação também sobre sexualidade, devido ao fato de não ser fácil encontrar informações de qualidade sobre este conteúdo. *“Atualmente, a ênfase em relação à sexualidade tem sido muito maior quanto ao desempenho genital do que quanto à satisfação emocional. A liberdade sexual tem sido confundida com promiscuidade e a informação com instrução sobre movimentos físicos mecânicos”*(SUPLICY et al, 1998, p. 11). Dessa maneira, alguns pais têm dúvida quanto à conveniência de fornecer aos adolescentes a informação sexual e de transmitir uma visão da sexualidade como algo natural e saudável, até pelo fato de não terem recebido, em sua época, nenhum tipo de instrução formal sobre este conteúdo. Estes *“acreditam que a informação induz à prática do sexo”* (SUPLICY et al, 1998, p. 12). De acordo com Suplicy,

“Especialistas afirmam o contrário: quem recebeu orientação correta, na hora de praticar o sexo, o faz com muito mais responsabilidade e com maior possibilidade de usufruir o prazer. Algumas pesquisas apontam o adiamento da prática sexual entre alunos que freqüentaram um programa de Orientação Sexual”.(SUPLICY et al, 1998, p. 12)

Um profissional capacitado, na escola, tem muito mais possibilidade de proporcionar a chegada de informações corretas, verdadeiras e esclarecedoras aos estudantes, evitando assim a necessidade da busca pelas mesmas.

- **Ajuda a superar medos e preconceitos:** Sabemos que *“informar é importante mas não o suficiente para mudar comportamentos”* (SUPLICY et al, 1998, p. 12), por isso muitos jovens e adolescentes encontram barreiras em adotar práticas baseadas nos conhecimentos adquiridos, até mesmo pelo fato de possuírem preconceitos que impedem a utilização das informações recebidas, a adoção dos comportamentos preventivos, o exercício da liberdade e o relacionamento de igualdade entre os gêneros. Em outros casos a dificuldade baseia-se

em medos e conflitos, que ressaltam a importância de discussões em grupo, mediadas por um adulto esclarecido e capacitado, de modo a auxiliar no alívio das ansiedades relacionadas à sexualidade. Dessa forma o jovem tem a possibilidade de esclarecer a origem ou razão para determinado medo ou preconceito e com isso superá-lo, tornando-se mais seguro e conhecedor de si, formador de seus pensamentos e responsável por seus atos, sem a influência de sentimentos herdados de situações ou orientação passadas.

- **Auxilia no bem-estar sexual:** *“A descoberta da sexualidade é um processo que se desenvolve no decorrer da vida, intimamente relacionado à afetividade e à compreensão do que é ser homem ou mulher”*(SUPLICY et al, 1998, p. 12), logo precisa ser tratada de forma natural, auxiliando o jovem e o adolescente a diminuir as tensões e angústias decorrentes dos conflitos entre as pressões do meio em que vive, que exige determinadas atitudes, e o seu meio interno, ou seja, o seu corpo, os seus sentimentos, seus desejos, suas vontades, suas dificuldades, o seu querer.

A desinformação, o medo e a angústia podem comprometer a capacidade de aprender do jovem e do adolescente e as possibilidades de ter uma vida sexual harmoniosa, bem como colocá-los diante de experiências sexuais para as quais não estão preparados, comprometendo assim o seu bem-estar sexual também em situações futuras.

- **Ajuda na formação da identidade:** A Orientação Sexual na escola cria um ambiente de respeito e troca de opiniões entre pessoas que estão em processo de formação de sua identidade, sendo o grupo pertencente a uma mesma faixa etária, tendo uns aos outros como referência. Segundo Suplicy et al, 1998,

“o ambiente escolar pode ajudar o jovem a descobrir a si mesmo e a inserir-se no seu mundo. A Orientação Sexual lida com um aspecto vital no amadurecimento mental e na formação de sua personalidade. A troca de vivências com pessoas da mesma idade e a aprendizagem do respeito por posições

diferentes, oferecem ao adolescente um melhor desenvolvimento de si mesmo, tendo o outro como referência. Conhecendo-se mais profundamente, sendo ouvido e respeitado pelos colegas e pelo professor, o adolescente tem melhores condições de assumir suas crenças, valores e identidade.” (SUPLICY et al, 1998, p. 13)

No momento em que troca conhecimento e vivências com outros da mesma idade ou com um adulto com o qual possui um canal aberto de comunicação, o jovem cria seus valores e conquista seu espaço, tomando para si desejos e vontades, conceitos, decisões, atitudes, que podem ou não serem debatidas, de acordo com a sua necessidade, mas que acabam por permitir que aquele indivíduo construa a sua identidade, a sua personalidade, e se conheça a partir de então.

- **Abre canais de comunicação:** Na escola há uma possibilidade de abertura para a conversa sobre assuntos como a sexualidade, sem a qual o conteúdo pode se tornar agressivo ou até ofensivo. Tal conduta, baseada em angústias e dúvidas, prejudica a aprendizagem como um todo, diminuindo até mesmo o rendimento escolar dos jovens e adolescentes. *“As aulas de Orientação Sexual podem propiciar transformações nos relacionamentos pessoais, aumento na afetividade e naturalidade na troca de idéias, bem como o respeito pela diversidade”* (SUPLICY et al, 1998, p.13). Além disso, o fato de esclarecer dúvidas e aliviar angústias diminui a inquietação do jovem, o que pode resultar em um melhor relacionamento com os demais professores, com os colegas e com a família, propiciando relações mais harmoniosas, baseadas no respeito e na conversa. *“O diálogo com os pais muitas vezes é obtido ou retomado como resultado dessa experiência na escola”* (SUPLICY et al, 1998, p.13).

Fica claro que ao conversar abertamente sobre sexo, o jovem tem a oportunidade de esclarecer suas dúvidas e construir seus próprios conceitos, baseados em conhecimentos adquiridos de forma clara e objetiva, sem “meias palavras” ou subterfúgios que o leve a

supor fatos ou situações fantasiosos. Dessa maneira ele passa a tratar o assunto de forma madura e coerente, certo da possibilidade de retomar a discussão se necessário, confiante na viabilidade de uma conversa franca e sem repreensão. Esse cenário confere tranquilidade e confiança em uma etapa tão conturbada e problemática como a adolescência.

Valentina Pigozzi, psicóloga terapeuta de jovens e adolescentes, afirma que “*a abertura necessária para um diálogo franco é a condição primordial da Orientação Sexual saudável para uma vida feliz*” (PIGOZZI, 2002, p. 96).

- Ajuda a repensar valores: Uma das importantes atribuições da escola é fazer com que o aluno desenvolva a sua capacidade crítica, ou seja, que ele não assuma como seu ou recuse um determinado valor, sem antes analisá-lo. Com relação à sexualidade, existe a possibilidade de analisar, com liberdade, assuntos restritos, considerados impróprios, que fazem com que o jovem ou adolescente reveja, avalie novamente, conceitos e pensamentos simplesmente copiados de outras pessoas, já que não existia a possibilidade de ter uma opinião própria sobre tal. De acordo com Suplicy et al, 1998,

“a possibilidade de pensar com liberdade assuntos considerados proibidos por muitos cria espaços mentais que estimulam o jovem a rever outras dimensões privadas e sociais de sua existência. Ele também aprende que mesmo opiniões muito diversas merecem ser discutidas e avaliadas dentro de um clima de respeito. Para o aluno, essa capacidade pode resultar em maior curiosidade intelectual e abrir sua visão de mundo; para o educador e para a escola, pode estimular inesperadas práticas educacionais; para a família pode gerar novos laços de afeto e diálogo.” (SUPLICY et al, 1998, p. 14)

Por todos esses fatores, considero a escola uma importante aliada na formação da sexualidade de jovens e adolescentes, e com isso ressalto a importância da Orientação

Sexual neste ambiente como meio de promover um crescimento, uma busca pelo saber sobre um assunto tão restrito a eles e, sobretudo, uma forma de atingir tranquilidade.

5 - A IMPORTÂNCIA DA SEXUALIDADE NO DESENVOLVIMENTO INTEGRAL DO ESTUDANTE

O estudante está na escola e passa nela grande parte de duas etapas muito significativas da sua vida: a infância e a adolescência. Durante estas fases ocorrem manifestações da sexualidade em vários momentos do dia-a-dia, junto aos colegas, nas dúvidas e curiosidades, nas relações vividas no ambiente escolar ou fora dele. Mas é mesmo na escola que a sexualidade é vivida através da experimentação do prazer de estar com o outro, das conversas, das trocas de informação, dos namoros e paqueras.

O trabalho de Orientação Sexual leva a escola a assumir seus estudantes como seres humanos integrais, sexuados, pois não se pode pensar em humanidade sem sexualidade. A primeira não existe sem a segunda.

No momento em que assumimos o menino e a menina como seres possuidores de gêneros diferentes, lhes asseguramos direitos, de serem reconhecidos e/ou de terem atendidas as suas necessidades de acordo com a sua sexualidade. Isso trata-se de uma forma de estarmos oferecendo educação integral a este estudante.

Segundo Alícia Fernandez (1990), psicopedagoga argentina,

“o corpo é o organismo permeado pela inteligência e pela cultura. O corpo é fundamental na aprendizagem, nele se instalam a vivência das emoções, a linguagem, nele ocorrem a

apropriação do conhecimento e a construção da história pessoal de cada ser humano. O corpo deve ter liberdade para desenvolver-se com espontaneidade, recebendo atenção e respostas da escola ao passo que lhe surgem novas necessidades.” (FERNANDEZ, 1990, p. 48)

Muitos estudiosos, ao longo da história do pensamento humano, têm se preocupado em esclarecer de diferentes modos a relação entre a sexualidade e a aprendizagem. O

conceito de sexualidade apresentado em 1975 pela OMS⁵ diz que:

“A sexualidade humana forma parte integral da personalidade de cada um. É uma necessidade básica e um aspecto do ser humano que não podem ser separados de outros aspectos da vida. Sexualidade não é sinônimo de coito, e não se limita à presença ou não do orgasmo. Sexualidade é muito mais do que isto. É a energia que motiva encontrar o amor, contato e intimidade e se expressa na forma de sentir, nos movimentos das pessoas e como estas tocam e são tocadas. A sexualidade influencia pensamentos, sentimentos, ações e interações, e portanto a saúde física e mental. Se saúde é um direito humano fundamental, a saúde sexual também deveria ser considerada como um direito humano básico. A saúde mental é a integração dos aspectos sociais, somáticos, intelectuais e emocionais de maneira tal que influenciem positivamente a personalidade, a capacidade de comunicação com outras pessoas e o amor” (SILVA, 2002, p.35).

Já o conceito mais atual de aprendizagem, proposto por Alícia Fernandez afirma que:

“A aprendizagem é um processo que envolve dois personagens, o ensinante e o aprendente, e um vínculo que se estabelece entre ambos, sendo que se deve sempre ter presente nessa relação entre o organismo individualmente herdado: o corpo construído especularmente; a inteligência auto-construída interacionalmente e a arquitetura do desejo, que é sempre desejo do desejo de outro.” (FERNANDEZ, 1991, p. 47)

A relação entre esses dois conceitos fundamenta uma proposta pedagógica com a abrangência necessária para que se possa atingir todas as áreas que circundam a Orientação Sexual, e dessa forma chegar a um desenvolvimento integral do estudante.

Jacques Delors (1998), coordenador do Relatório para a Unesco da Comissão Internacional Sobre Educação para o Século XXI, aponta a necessidade de uma Aprendizagem ao longo de toda a vida (Lifelong Learning), baseada em quatro pilares básicos que estão associados ao conhecimento e à formação. São eles: Aprender a Conhecer; Aprender a Fazer; Aprender a Viver Juntos; e Aprender a Ser. Este último fundamenta-se no Desenvolvimento Integral da pessoa, no caso, o estudante, e ressalta a inteligência, a sensibilidade, o sentido ético e estético, a responsabilidade pessoal, a espiritualidade, o pensamento autônomo e crítico, a imaginação, a criatividade e a

5. A sigla OMS refere-se à Organização Mundial da Saúde.

de um processo de aprendizagem baseado nesses quatro pilares, Moacir Gadotti afirma que *“para isso, não se deve negligenciar nenhuma das potencialidades de cada indivíduo. A aprendizagem não pode ser apenas lógico-matemática e lingüística. Precisa ser integral”*(GADOTTI, 2000, p.9).

A sexualidade se mostra importante nesse processo de desenvolvimento integral do estudante por estar diretamente ligada aos aspectos acima citados. A responsabilidade pessoal e a ética são os alicerces do desenvolvimento integral de qualquer pessoa, assim como o pensamento autônomo e crítico. Todos são fundamentais para a formação do indivíduo e ao mesmo tempo têm na sexualidade uma base essencial para que sejam construídos conceitos próprios e conscientes, e com isso indivíduos integralmente desenvolvidos.

O estudo e a orientação voltados para a sexualidade permitem ao estudante se conhecer, elaborar seus próprios pensamentos, suas opiniões, suas preferências, sua maneira de agir, questionar, confrontar idéias, e com isso exercita a prática de ser ele

próprio, dono de suas vontades e de sua lógica, conhecedor de seus critérios e parâmetros, construtor de sua identidade. A sexualidade permite experimentar sensações e sentimentos e faz com que o jovem passe a ser detentor de um conhecimento diferenciado e necessário para a formação do caráter, da moral, da personalidade. Ele passa a ter o conhecimento de si mesmo, como a quem se estuda, se interpreta, avalia as próprias características como se observasse outro. Através da observação e da crítica, ele elabora um modelo que inconscientemente passa a adotar como seu. A partir desse momento ele assume uma identidade, sua personalidade está se formando e nota-se então o seu desenvolvimento integral, influenciado, além de inúmeros outros fatores, também pela sexualidade.

Assim como afirma o GTPOS,

“sendo a sexualidade algo que se constrói e aprende, parte integrante do desenvolvimento da personalidade, capaz de interferir da alfabetização ao desempenho escolar, a escola não pode ignorar essa dimensão do ser humano e tem que investir na formação de professores para dar conta da tarefa.”
(GTPOS, 1994, p. 7-8)

“O que não se pode é perder de vista o objetivo fundamental da ação educativa, que consiste em desenvolver a personalidade integral do aluno, sua capacidade de pensar e raciocinar, assim como seus valores e hábitos de responsabilidade, cooperação, etc”
(BORDENAVE, 1983, p.8), tendo como importante aliado o trabalho de Orientação Sexual, que se desenvolvido de forma regular e adequada, pode promover o desenvolvimento integral dos jovens e adolescentes atendidos, bem como ajudar, e muito, na formação de estudantes e cidadãos integrais.

6 – A ORIENTAÇÃO SEXUAL COMO TEMA TRANSVERSAL

O Ministério da Educação afirma que

“a educação para a cidadania requer que questões sociais sejam apresentadas para a aprendizagem e a reflexão dos alunos, buscando um tratamento didático que contemple sua complexidade e sua dinâmica, dando-lhes a mesma importância das áreas convencionais.” (BRASIL, 1997, p.79)

Para isso, e com o objetivo de dar flexibilidade e abertura ao currículo, foram criados, dentro dos Parâmetros Curriculares Nacionais, os chamados Temas Transversais que podem ser priorizados e contextualizados de acordo com as diferentes realidades locais e regionais, indicando a metodologia proposta para sua inclusão no currículo e seu tratamento didático.

Estes Temas Transversais são questões urgentes de nossa sociedade, que tratam da vida humana, sobre uma realidade em construção que sofre transformações tanto no âmbito social quanto nas atitudes pessoais. Cada um dos temas requer estudo aprofundado pelos alunos com a finalidade de desenvolver a capacidade de se posicionar diante das tomadas de decisão referentes à vida, seja ela coletiva ou individual, e intervindo de forma responsável.

Trata-se de temas tão complexos que atravessam todos os campos de conhecimento, não sendo nenhum deles capaz de explicá-los individualmente, sem que haja a participação e/ou colaboração de outro, como é o caso da Orientação Sexual, que deve ser incluída em todas as disciplinas, cabendo ao professor a escolha da abordagem ideal para que seja possível a adequação ao conteúdo específico da matéria.

A Orientação Sexual é a *“possibilidade do educador ir além da mera informação tradicionalmente imaginada”* (VALLADARES, 2001, p.34), pois é preciso desenvolver atitudes reais em relação à construção da sexualidade, já que vivemos em uma época de transformações e mudanças extremamente rápidas e drásticas de hábitos e conceitos, especialmente diferente das ocorridas no curso da história, até mesmo pelo fato de a informação ter atingido velocidade e alcance inimagináveis. Apesar disso, é fato que mesmo com essa transição e com a visão da sexualidade tendo sido alterada nas últimas décadas, ainda existem muitas dúvidas e anseios a respeito deste assunto, que sempre despertou tanta curiosidade.

De acordo com os PCN,

“as manifestações da sexualidade afloram em todas as faixas etárias. Ignorar, ocultar ou reprimir são as respostas mais habituais dadas pelos profissionais da escola. Essas práticas se fundamentam na idéia de que o tema deva ser tratado exclusivamente pela família. De fato, toda família realiza a educação sexual de suas crianças e jovens, mesmo aquelas que nunca falam abertamente sobre isso. O comportamento dos pais entre si, na relação com os filhos, no tipo de “cuidados” recomendados, nas expressões, gestos e proibições que

estabelecem são carregados de valores associados à sexualidade que a criança aprende”. (BRASIL, 1997, p. 77)

Porém, o mesmo documento afirma que *“a oferta, por parte da escola, de um espaço em que as crianças possam esclarecer suas dúvidas e continuar formulando novas questões contribui para o alívio das ansiedades que, muitas vezes, interferem no aprendizado dos conteúdos escolares”* (BRASIL, 1997, p. 78) e por fim completa que:

“Se a escola que se deseja deve ter uma visão integrada das experiências vividas pelos alunos, buscando desenvolver o prazer pelo conhecimento, é necessário que ela reconheça que desempenha um papel importante na educação para uma sexualidade ligada à vida, à saúde, ao prazer e ao bem-estar, que integra as diversas dimensões do ser humano envolvidas nesse aspecto.” (BRASIL, 1997, p. 78)

Realmente é necessário que a própria escola reconheça sua importância nesse cenário, uma vez que existem tantos outros setores da sociedade realizando a tarefa exatamente no sentido contrário, como por exemplo, a exploração comercial e as propagandas veiculadas pela mídia em geral, que se utilizam de forma abusiva da sexualidade, impondo valores discutíveis e transformando-a em objeto de consumo.

A Orientação Sexual como um dos temas transversais tem como meta, ao criticar e questionar preconceitos e tabus ligados à sexualidade, trabalhar os conhecimentos e informações que visam promover o bem-estar e a saúde e entrelaçar-se com os objetivos de outros temas transversais, como Ética e Saúde. Se inicialmente os estudantes recebiam mensagens sobre os valores associados à sexualidade das mais diversas fontes de informação, a partir de sua participação em um trabalho de Orientação Sexual poderão discutir, questionar e elaborar seus próprios valores quando necessário.

Assim, segundo os PCN, *“o objetivo do trabalho de Orientação Sexual é contribuir para que os alunos possam desenvolver e exercer sua sexualidade com prazer e*

responsabilidade” (BRASIL, 1997, p. 91), sendo este tema organizado de modo que ao final do ensino fundamental os alunos sejam capazes de respeitar a diversidade de valores, crenças e comportamentos existentes e relativos à sexualidade, desde que seja garantida a dignidade do ser humano, compreendendo a busca de prazer como uma dimensão saudável da sexualidade humana e conhecendo seu corpo, valorizando e cuidando de sua saúde como condição necessária para usufruir de prazer sexual, reconhecendo como determinações culturais as características socialmente atribuídas ao masculino e ao feminino, e posicionando-se contra discriminações a eles associadas, identificando e expressando seus sentimentos e desejos, ao mesmo tempo em que respeita os sentimentos e desejos do outro, protegendo-se de relacionamentos sexuais coercitivos ou exploradores e reconhecendo o consentimento mútuo como necessário para usufruir de prazer numa relação a dois, agindo de modo solidário em relação aos portadores do HIV⁶ e de modo propositivo na implementação de políticas públicas voltadas para prevenção e tratamento das DST⁷/AIDS, conhecendo e

6. HIV é a sigla referente ao Vírus da Imuno-Deficiência Humana, causador da AIDS ou SIDA. Ele ataca os mecanismos de defesa do corpo humano e pode ser transmitido pela entrada, na corrente sanguínea, de fluidos sexuais, sangue ou leite materno contaminados.

7. DST é a sigla referente à Doença Sexualmente Transmissível.

contrair ou transmitir DST, inclusive o vírus da AIDS, desenvolvendo consciência crítica e tomar decisões responsáveis a respeito de sua sexualidade, e procurando orientação para a adoção de métodos contraceptivos.

O trabalho de Orientação Sexual, por ser uma atividade sistematizada e contínua, deve ser desenvolvido seguindo uma programação, através dos conteúdos transversalizados previamente nas diferentes áreas do currículo, mas também é importante que seja desenvolvido de forma extra programada, sempre que surgirem questões relacionadas ao tema.

Sua abordagem deve ser “*explícita, para que seja tratada de forma simples e direta; ampla, para não reduzir sua complexidade; flexível, para permitir o atendimento a conteúdos e situações diversas; e sistemática, para possibilitar uma aprendizagem e um desenvolvimento crescentes*”(PCN, 1997, p.87), reafirmando que “*a implantação de Orientação Sexual nas escolas contribui para o bem-estar das crianças e dos jovens na vivência de sua sexualidade atual e futura.*” (PCN,1997, p.79)

Apesar da adolescência ser a fase mais citada quando se fala em Orientação Sexual, é importante ressaltar que o conhecimento da sexualidade pode e deve ser explorado desde a infância, de forma correta, para que sejam eliminados conceitos preconceituosos e para que não sejam mais tolidas as atitudes mais espontâneas da natureza humana.

Os PCN (1997) afirmam que:

“A sexualidade tem grande importância no desenvolvimento e na vida psíquica das pessoas, pois, além da sua potencialidade reprodutiva, relaciona-se com a busca do prazer, necessidade fundamental das pessoas. Manifesta-se desde o momento do nascimento até a morte, de formas diferentes a cada etapa do desenvolvimento humano, sendo construída ao longo da vida. Além disso, encontra-se necessariamente marcada pela história, cultura, ciência, assim como pelos afetos e sentimentos, expressando-se então com singularidade em cada sujeito”.(BRASIL, 1997, p. 81)

Por ter tamanha importância no desenvolvimento e na vida psíquica das pessoas é que a sexualidade é incluída nos PCN como tema transversal, sendo atrativa para os estudantes de diferentes segmentos, com necessidades diferenciadas de acordo com a etapa do desenvolvimento psíquico em que se encontram. Crianças que cursam as séries iniciais do Ensino Fundamental (1ª a 4ª séries) apresentam dúvidas relativas a como ocorre o relacionamento sexual e como se procedem as mudanças no corpo durante a puberdade e a gestação, tendo as respostas um caráter puramente informativo. A partir da 5ª série são desencadeadas discussões com temas polêmicos, como masturbação, virgindade e aborto,

que culminam na construção de conceitos e concepção de opiniões próprias. Exatamente por isso, os PCN afirmam que:

“Será por meio do diálogo, da reflexão e da possibilidade de reconstruir as informações, pautando-se sempre pelo respeito a si próprio e ao outro, que o aluno conseguirá transformar, ou reafirmar, concepções e princípios, construindo de maneira significativa seu próprio código de valores.” (BRASIL, 1997, p. 87)

Dessa maneira fica claro que a Orientação Sexual como Tema Transversal deve ser trabalhada em todas as áreas do conhecimento, de forma adequada a cada conteúdo, afim de satisfazer o objetivo de contextualização com as diferentes realidades locais, regionais e sociais, contribuindo para o bem-estar sexual dos jovens e adolescentes.

7 - ANÁLISE DE CURRÍCULOS DOS CURSOS DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

7.1- Material e Métodos

Ao longo da pesquisa foram analisados os currículos de vinte e uma faculdades, centros universitários e universidades públicas e privadas do Estado do Rio de Janeiro, que apresentam curso de graduação em Ciências Biológicas, modalidade Licenciatura,

autorizadas pelo MEC. Os nomes das instituições pesquisadas, públicas ou privadas, bem como suas siglas e município, encontram-se no Quadro 01.

QUADRO 01 – Lista das Instituições pesquisadas e respectivos municípios em que se localizam, sigla e status de pública ou privada.

Sigla	Nome da Instituição	Município	Pública/Privada
CEDERJ	Centro de Educação Superior a Distância do Estado do Rio de Janeiro	Rio de Janeiro	Pública
CEUCEL	Centro Universitário Celso Lisboa	Rio de Janeiro	Privada
FAMATH	Faculdades Integradas Maria Thereza	Niterói	Privada
FFP	Faculdade de Formação de Professores – Universidade do Estado do Rio de Janeiro	São Gonçalo	Pública
FSJ	Faculdade São José	Rio de Janeiro	Privada
FTESM	Fundação Técnico Educacional Souza Marques	Rio de Janeiro	Privada
UCB	Universidade Castelo Branco	Rio de Janeiro	Privada
UENF	Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro	Campos dos Goytacazes	Pública
UERJ	Universidade do Estado do Rio de Janeiro	Rio de Janeiro	Pública
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro	Rio de Janeiro	Pública
UFRRJ	Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro	Seropédica	Pública
UGB	Centro Universitário Geraldo Di Biase	Volta Redonda	Privada
UGF	Universidade Gama Filho	Rio de Janeiro	Privada
UNESA	Universidade Estácio de Sá	Rio de Janeiro	Privada
UNIG	Universidade Iguazu	Nova Iguaçu	Privada
UNIGRANRIO	Universidade do Grande Rio "Profº José de Souza Herdy"	Duque de Caxias	Privada
UNIRIO	Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro	Rio de Janeiro	Pública
UNISUAM	Centro Universitário Augusto Motta	Rio de Janeiro	Privada
UNIVERCIDADE	Centro Universitário da Cidade	Rio de Janeiro	Privada
USU	Universidade Santa Úrsula	Rio de Janeiro	Privada
UVA	Universidade Veiga de Almeida	Rio de Janeiro	Privada

Para obter as informações de pesquisa, foram feitos contatos telefônicos, via fax e via e-mail com coordenadores, secretários e atendentes responsáveis por informar sobre o citado curso, além de consulta via internet nos sites oficiais das referidas instituições, listados no Quadro 02.

QUADRO 02 - Lista de sites oficiais das instituições pesquisadas.

Sigla	Site da internet
--------------	-------------------------

CEDERJ	www.cederj.edu.br
CEUCEL	www.celsolisboa.edu.br
FAMATH	www.famath.com.br
FFP	www2.uerj.br/ffp
FSJ	www.saojose.br
FTESM	www.souzamarques.br
UCB	www.castelobranco.br
UENF	www.uenf.br
UERJ	www.uerj.br
UFRJ	www.ufrj.br
UFRRJ	www.ufrj.br
UGB	www2.ugb.edu.br
UGF	www.ugf.br
UNESA	www.estacio.com.br
UNIG	www.unig.br
UNIGRANRIO	www.unigranrio.br
UNIRIO	www.unirio.br
UNISUAM	www.unisuam.edu.br
UNIVERCIDADE	www.univercidade.br
USU	www.usu.br
UVA	www.uva.br

Dessa forma, foi possível verificar os currículos das vinte e uma instituições pesquisadas e ementas de algumas disciplinas que poderiam apresentar tópicos específicos relacionados à sexualidade humana ou à orientação sexual.

A partir do levantamento curricular realizado com as instituições, entre dezembro de 2005 e abril de 2006, foram reunidos dados capazes de esclarecer o problema de pesquisa levantado.

Foram analisados os currículos de todas as instituições anteriormente citadas, para a existência de uma disciplina que preparasse o futuro professor de Ciências e Biologia para orientar seus estudantes sobre sexualidade.

7.2 - Resultados

Das 21 instituições pesquisadas, os dados apontam que 20 não possuem nenhuma disciplina voltada para a sexualidade humana ou orientação sexual e dentre elas encontra-se a Universidade Gama Filho, que já possuiu uma disciplina com essa finalidade, porém, somente durante o período em que a instituição apresentava um curso de Mestrado em Sexologia. Após o encerramento do mesmo, foi retirada a disciplina do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas e os tópicos relacionados a este tema foram repassados para os cursos de Graduação e Mestrado em Psicologia.

Apenas uma, a Universidade do Estado do Rio de Janeiro, possui atualmente disciplina voltada para este conteúdo. Nesta instituição, a disciplina em questão, Sexualidade Humana, é proposta pelo Departamento de Ensino de Ciências e Biologia do Instituto de Biologia Roberto Alcântara Gomes, encontra-se sob a qualificação de Eletiva Universal - não se trata de uma disciplina obrigatória à grade curricular de nenhum curso de graduação, porém pode ser escolhida para ser cursada por graduandos de quaisquer cursos -, e está registrada sob o código 7525, tendo uma duração de 45 h/a, o que corresponde a 2 créditos para aquele que cursar. A ementa da referida disciplina encontra-se no ANEXO 01.

Os objetivos da disciplina em questão são:

- Conduzir o processo de reflexão e discussão sobre idéias, sentimentos e conflitos em torno da sexualidade humana, de modo a propiciar autonomia para eleger os valores, tomar posições e ampliar os conhecimentos na área da sexualidade humana;
- Identificar e analisar manifestações da sexualidade em diferentes fases da vida, reconhecendo as mesmas como elementos constitutivos da personalidade;
- Desenvolver a capacidade de atuar profissionalmente como agentes de educação para a área de sexualidade humana.

Aplicando uma metodologia desenvolvida através de dinâmicas vivenciais, utilizando diversos recursos audiovisuais, na execução do conteúdo teórico-científico, esta disciplina faz referência aos seguintes tópicos relativos à sexualidade:

- Sexo e sexualidade: História crítica da sexualidade; Repressão sexual; Estudo da sexologia; Sexualidade e poder; A questão de gênero; Identidade, papéis e orientação afetivo-sexual (homossexualidade, bissexualidade, heterossexualidade); Resposta sexual humana;
- Bases anátomo-fisiológicas da sexualidade humana: O corpo – organismo; Sexualidade nas diferentes fases da vida: infância, adolescência, idade adulta e terceira idade; Concepção e contracepção;
- Sexualidade em desarmonia: Violência sexual; Sexo e drogas; Doenças sexualmente transmissíveis e AIDS; Disfunção sexual; Parafilias;
- Educação Sexual: Orientação Sexual nas escolas segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais; Projetos alternativos de Educação Sexual; Orientação metodológica; Ética e Educação Sexual.

A disciplina em questão teve início no curso de graduação em Ciências Biológicas da UERJ no ano de 2001, sob a docência da Prof^{ra}. Vera Maria de Sá Antunes Filgueiras e atualmente está inserida também no curso de Especialização em Ensino de Ciências da mesma instituição.

8 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabe-se que uma pesquisa sempre se inicia com um objetivo básico que é encontrar a resposta para a questão proposta. Muitas vezes tais respostas podem ser encontradas na literatura existente, porém em outras são necessários trabalhos de pesquisa esclarecedores, pois nem todas as perguntas sobre determinado assunto foram respondidas, ou foram apresentadas respostas insatisfatórias, incorretas ou incompletas. O objetivo da pesquisa científica é descobrir “o novo”, discutir aquilo que ainda não foi contestado, analisar aquilo que ainda não foi devidamente pensado e, quem sabe, melhorar. Assim se dá o avanço científico.

Neste trabalho, as informações obtidas através de leituras e da pesquisa nos currículos dos cursos de licenciatura em Ciências Biológicas do Estado do Rio de Janeiro, conduzem a um caminho de reflexão e mudança de conceitos e atitudes diante do trabalho sobre sexualidade no ambiente escolar.

É gerada uma enorme inquietação quando a discussão refere-se a este tema, principalmente pelo fato de se tratar da formação da identidade de jovens e adolescentes, diante de mudanças nas tendências de comportamento e relacionamento, à mercê dos riscos de se contrair doenças, sob a iminência de ocorrer uma gravidez indesejada, entre outras atribuladas situações pertinentes a este cotidiano.

Os pais, os educadores, enfim, a sociedade em geral, deve estar consciente de que a Orientação Sexual desde a infância promove o desenvolvimento de um ser humano saudável mentalmente e fisicamente, e que para que ocorra o seu desenvolvimento psíquico, a criança precisa, desde a mais tenra idade, ser respeitada diante da sua sexualidade e das descobertas que faz, sem restrições quanto aos comportamentos mais espontâneos da sua natureza. A Orientação Sexual tem como objetivo explicar e direcionar o pensamento do indivíduo para a construção da sua individualidade, de maneira que a

sexualidade seja, apenas, mais um critério a ser levado em conta, e não um entrave emocional e atitudinal. O indivíduo aprende a refletir sobre seus valores, distinguindo o conceito de certo e errado diante do mundo em que vive, aprendendo a respeitar a individualidade e a forma com que cada um se orienta sexualmente. Este indivíduo terá maiores chances de crescer como um ser dotado de maturidade suficiente para saber conduzir cada momento novo que vive, cada problema de forma consciente e segura.

Já é fato que a escola representa um importante meio de trabalhar a sexualidade de jovens e adolescentes por todas as razões listadas anteriormente, e sabe-se que o trabalho de Orientação Sexual nas escolas deve ser planejado de forma a não se tornar fenômeno esporádico, e sim apresentando uma periodicidade regular, fazendo com que os jovens e adolescentes tenham naquele momento um diferencial de segurança e abertura para compartilhar experiências e dificuldades de forma saudável e sistemática. Para que isso seja possível, é necessário que haja uma preparação do profissional responsável, de modo que ele tenha os conhecimentos básicos necessários, seja livre de preconceitos e tabus e permita-se tocar pelas aflições dos jovens e adolescentes sem falso moralismo, afim de abrir um canal de comunicação verdadeiro e objetivo.

Diante disso, torna-se necessário um aperfeiçoamento na abordagem pedagógica da sexualidade, ou seja, uma melhoria na maneira pela qual os conteúdos relacionados à sexualidade são expostos e trabalhados na escola, e para isso a resposta se encontra no corpo docente das instituições de ensino, em todos os níveis, pessoas através das quais essa informação será passada aos estudantes e também àqueles que se preparam para a docência.

Buscou-se apontar a preparação desse corpo docente, no que diz respeito à disciplina de Ciências e Biologia, pelos motivos já citados anteriormente, analisando a preparação feita durante a Licenciatura para esse curso, obtendo um resultado nada

satisfatório que demonstra que a formação de professores da área ainda não está adaptada às necessidades atuais, não estando também de acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais que prevêm que o professor trabalhe a sexualidade como um tema transversal mas não garante a sua devida capacitação para tal.

O fato de apenas uma, dentre vinte e uma instituições pesquisadas, apresentar uma disciplina referente à sexualidade, devendo esta ser a necessária à preparação dos profissionais para trabalhar a Orientação Sexual, gera preocupação e insatisfação.

Mesmo que esta única instituição prepare de forma satisfatória e trabalhe, questione e reflita sobre os problemas e inquietações dos adolescentes com seus profissionais, todas as outras estão formando professores sem a capacitação necessária nesse aspecto e deixando que tais sentimentos proliferem na indiferença de seus futuros docentes.

Quantos jovens e adolescentes mais deverão adoecer, morrer, gerar filhos da falta de informação, sofrer com os problemas ocasionados pela negligência daqueles que deveriam orientar, informar, ajudar? O que falta para que se tome uma atitude?

Elaborar diretrizes curriculares que norteiem a educação, orientando sua aplicação e a didática adequada, já mostra o interesse governamental em, cada vez mais, aprimorar o ensino no país. Incluir Temas Transversais como forma de priorizar e contextualizar questões atuais da nossa sociedade reafirma essa intenção, porém faz-se necessário ainda criar formas de tornar esses tópicos tão importantes viáveis aos professores de todas as áreas de conhecimento, através de programas de capacitação, para que todos possam adequar os temas transversais às suas disciplinas. Sem a devida formação, o professor acaba sentindo-se despreparado para incluir determinados temas em seu conteúdo, até pelo fato de sua formação de base não ser voltada para a área da saúde, como podem ser citadas as disciplinas de matemática, geografia, história, ou qualquer uma das línguas, o que faz

com que essa orientação permaneça exclusivamente no papel. Dessa forma, todo o empenho e a preocupação em elaborar parâmetros e diretrizes que norteiem a prática da Orientação Sexual tornam-se inválidos.

A formação do profissional de educação deve atender aos diversos níveis e modalidades de ensino e às características de cada fase do desenvolvimento do educando, e em particular o profissional da área de Ciências Biológicas deve ter uma atenção especial, entre outros conteúdos, para as relações estabelecidas entre os seres humanos, fazendo com que em tal abordagem os conhecimentos biológicos não se dissociem dos sociais, dos políticos e dos culturais. Estes fatores e o estudo da sexualidade humana permitem ao futuro professor estabelecer relações que auxiliem na construção dos conceitos fundamentais para um trabalho de Orientação Sexual estruturado e satisfatório, acreditando ser esta a formação adequada na Licenciatura em Ciências Biológicas.

Por tudo que foi exposto acima, acredito na necessidade de medidas imediatas referentes à capacitação ou a já citada formação adequada de docentes da área de Ciências Biológicas, e até mesmo nas demais áreas que formem docentes para as educações básica e média, com a finalidade de contribuir para a formação de futuras gerações compostas de indivíduos livres nos seus pensamentos, solidários, tolerantes com as diferenças, sabedores de que os aspectos biológicos não se dissociam dos sociais, políticos, econômicos e culturais, sendo que todos devem ser respeitados para que seja formada uma sociedade igualitária e democrática.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, L.F. **Adolescência, escola e prevenção: dinâmicas sobre a sexualidade e as drogas**. Rio de Janeiro: Wak, 2003.

BARROSO, C. & BRUSCHINI, C. **Sexo e Juventude: como discutir a sexualidade em casa e na escola**. São Paulo : Cortez , 1990.

BETTS, J.A. **Missão impossível? Sexo, educação e ficção científica**. Porto Alegre: Artes e ofícios, 1994.

BORDENAVE, J.E.D. **Alguns fatores pedagógicos – A transferência de tecnologia apropriada ao pequeno agricultor**. Texto traduzido e adaptado do artigo “La transferencia de tecnología apropiada al pequeño agricultor” – Revista

Interamericana

de Educação de Adultos, v.3, n.1-2 – PRDE – OEA, por Maria Thereza Grandi,

OPAS,

Brasília, 1983. Disponível em

<http://www.opas.org.br/rh/publicacoes/textos_apoio/pub04U2T5.pdf> Acesso em:

25

jun. 2006.

BRASIL, Congresso. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação nacional** nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.

Disponível em: <http://www.presidencia.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm>

Acesso

em: 27 mai. 2006.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Fala Educadora! Educador!**. Ministério da Educação e do Desporto, 1998.

_____. **Descrição da Área e Padrões de Qualidade dos Cursos de Graduação em**

Ciências Biológicas. Ministério da Educação e do Desporto, 1997. Disponível em:

<<http://portal.mec.gov.br/sesu/arquivos/pdf/padbiol.pdf>> Acesso em: 27 mai.

2006.

_____. **Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN)**. Ministério da Educação e do

Desporto, 1997. Disponível em: <<http://www.mec.gov.br/sef/estrut2/pcn>> Acesso

em: 27 mai. 2006.

BRASIL, Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares nacionais para os Cursos de Ciências Biológicas**. CNE/CES 1.301/2001. Ministério da Educação, 2001.

Disponível em:

<http://www.proacad.ufpe.br/dde/diretrizes_curriculares/130101biologicas.doc>

Acesso em: 27 mai. 2006.

_____. **Diretrizes Curriculares nacionais para os Cursos de Ciências Biológicas.**

Resolução CNE/CES 7/2002. Ministério da Educação, 2002. Disponível em:

<http://www.proacad.ufpe.br/dde/diretrizes_curriculares/0702ciencbiologicas.doc>

Acesso em: 27 mai. 2006.

DELORS, J. **Educação: um tesouro a descobrir.** São Paulo: Cortez, 1998.

FAGUNDES, T.C.P. **Educação sexual, construindo uma nova realidade.** Salvador:

Instituto de Biologia da UFBA, 1995.

FERNANDEZ, A. **A mulher escondida na professora: uma leitura psicopedagógica do**

ser mulher, da corporalidade e da aprendizagem. Porto Alegre: Artes Médicas

Sul,

1994.

GADOTTI, M. **Perspectivas atuais da educação.** São Paulo: Perspec.[on line].

abr./jun.2000, vol.14, nº.2[citado 25 junho 2006]. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010288392000000200002

&lng=es&nrm=iso> Acesso em: 25 jun. 2006.

GTPOS, ABIA. ECOS. **Guia de Orientação Sexual: Diretrizes e Metodologia da pré-**

escola ao 2º grau. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1994.

KUPFER, M.C. **Freud e a educação: o mestre do impossível.** São Paulo: Scipione, 1997.

MARQUES, E. A. **Teses e Dissertações: estrutura e apresentação.** Rio de Janeiro:

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 1995.

PIGOZZI, V. **Celebre a autonomia do adolescente – Entendendo o processo de iniciação na vida adulta.** São Paulo: Editora Gente, 2002.

SILVA, R.de C. e. **Orientação Sexual: possibilidade de mudança na escola.** –

Campinas, SP: Mercado das Letras, 2002. – (Coleção Dimensões da Sexualidade).

SUPLICY, M. et al. **Sexo se aprende na escola.** São Paulo: olho D'água, 1998.


TANNAHILL, R. **O sexo na história.** Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1980.

VALLADARES, K.K. **Orientação sexual na escola.** Rio de Janeiro: Quartet Editora, 2001.

ANEXOS

ANEXO 01

**Ementa da disciplina Sexualidade Humana
da Universidade do Estado do Rio de Janeiro**

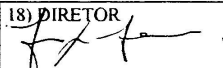
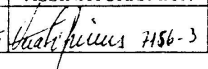
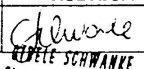

	EMENTA DA DISCIPLINA	1) ANO	2) SEM
		2005	1º e 2º

3) UNIDADE: Instituto de Biologia Roberto Alcântara Gomes		4) DEPARTAMENTO de Ensino de Ciências e Biologia			
5) CÓDIGO 7525	6) NOME DA DISCIPLINA SEXUALIDADE HUMANA	() obrigatória eletiva(x)universal () definida (x) restrita	7) CH 45 h/a	8) CRÉD 02	
9) CURSO(S) CIÊNCIAS BIOLÓGICAS 3º ao 8º períodos		10) DISTRIBUIÇÃO DE CARGA HORÁRIA			
		TIPO DE AULA		SEMANAL	SEMESTRAL
		TEÓRICA		01	15
		PRÁTICA		02	30
		LABORATÓRIO		-	-
ESTÁGIO					
TOTAL		03	45		
11) PRÉ-REQUISITO (A):			12) CÓDIGO		
11) PRÉ-REQUISITO (B):			12) CÓDIGO		
11) CO-REQUISITO			12) CÓDIGO		

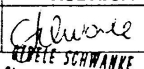
<p>13) OBJETIVOS</p> <ul style="list-style-type: none"> • Conduzir o processo de reflexão e discussão sobre idéias, sentimentos e conflitos em torno da sexualidade humana, de modo a propiciar autonomia para eleger os valores, tomar posições e ampliar os conhecimentos na área da sexualidade humana. • Identificar e analisar manifestações da sexualidade em diferentes fases da vida, reconhecendo as mesmas como elementos constitutivos da personalidade. • Desenvolver a capacidade de atuar profissionalmente como agentes de educação para a área de sexualidade humana.
<p>14) EMENTA</p> <p>Aspectos biopsicossociais da sexualidade humana nas diferentes fases da vida. A intervenção do professor no processo de educação sexual.</p> <p>UNIDADE I: Sexo e Sexualidade. História crítica da sexualidade. Repressão sexual. Estudo da sexologia. Sexualidade e poder. A questão de Gênero. Identidade, papéis e orientação afetivo-sexual (homossexualidade, bissexualidade, heterossexualidade). Resposta sexual humana.</p> <p>UNIDADE II: Bases Anatomo-Fisiológicas da Sexualidade Humana. Corpo – Organismo. A resposta sexual humana. A sexualidade nas diferentes fases da vida: infância, adolescência, idade adulta e terceira idade. Concepção e contracepção.</p> <p>UNIDADE III: Sexualidade em desarmonia. Violência sexual. Sexo e drogas. Doenças sexualmente transmissíveis e AIDS. Disfunção sexual. Parafilias.</p> <p>UNIDADE IV: Educação Sexual. Orientação Sexual nas escolas segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais.</p> <p>Projetos alternativos de educação sexual. Orientação metodológica. Ética e Educação Sexual.</p> <p>METODOLOGIA: Desenvolvida através de dinâmicas vivenciais, utilizando diversos recursos audiovisuais, na execução do conteúdo teórico-científico.</p> <p>AVALIAÇÃO: serão utilizados vários instrumentos para a avaliação, em três momentos:</p> <ul style="list-style-type: none"> • No início, aplicação de um pré-teste mensurando o conhecimento e a postura do aluno. • Durante o processo, vários instrumentos de avaliação como interpretação de texto, construção de painéis, etc... medirão a aquisição de conteúdo e atitude frente às questões polêmicas (que envolvem preconceitos), da disciplina. • Ao final, aplicação de pós-teste, aferindo a aprendizagem.

(continua)

(conclusão)

15) BIBLIOGRAFIA BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Projetos Educacionais Especiais. <i>Parâmetros Curriculares Nacionais - Brasília</i> , 1998 PAIVA, V. et al. <i>Fala educadora! Fala educador!</i> São Paulo: Organon. NEPAIDS/SP. GTPOS. P. E. DST/AIDS, 2000					
16) PROFESSOR PROPONENTE Vera Maria de Sá A. Filgueiras		17) CHEFE DO DEPTO. Cecile Schwanke		18) DIRETOR 	
DATA	ASSINATURA/MAT.	DATA	RUBRICA	DATA	RUBRICA
31.08.05	 7156-3	31.08.05		31.08.05	

Vera M^ª de Sá A. Filgueiras
Mestre em Sexologia Educacional
Pedagoga - Reg. MEC 3641
Prof^ª Assistente UERJ - Mat. 7156-3


CECILE SCHWANKE
Chefe DECB/IBRAG-UERJ
Mat. 33200-7